

## UM PLANETA À DERIVA

por Mário Soares

A década que terminou, entre outras desgraças, caracterizou-se por ter sido pródiga em catástrofes naturais, de proporções nunca vistas: terramotos terríveis, como no Haiti, uma meia ilha extremamente infeliz; tufões e cheias que atingiram o tamanho da França e da Alemanha, juntas; temperaturas extremamente elevadas, como sucedeu na Rússia, que deram lugar a enormes incêndios; vulcões que cobriram os ares e paralisaram os transportes aéreos internacionais; degelos no Ártico e no Antártico que afectaram as correntes dos Oceanos e as respectivas faunas e floras; frios e calores extremos, em épocas que não eram habituais, mesmo em países considerados de temperaturas moderadas; mortes em série de aves e peixes, em diversos lugares do Mundo, sem aparente explicação; o desastre impune da Shell, que empestou uma área imensa do Atlântico, com terríveis consequências; etc.; etc...

Tudo isso, por culpa do homem, que se recusa a tratar a natureza com o respeito que merece, e multiplica, por ganância ou irresponsabilidade, as ameaças aos equilíbrios ecológicos. A água, abunda em certas regiões - destrói e mata - e escasseia noutras, cada vez mais, onde a vida se torna impossível. Por isso, o direito à água potável deve ser visto como um direito humano comum à Humanidade. Mas não é. Os Oceanos tornaram-se lixeiras intoleráveis, sem protecção, que põem em causa os equilíbrios climáticos e até alimentares das populações. Por isso, num artigo, muito interessante, publicado no semanário Expresso, de sábado passado, pela Prof. Luísa Schmidt, uma leitura que recomendo, intitulado "Uma década enguiçada", escreveu em jeito de balanço: "a primeira década de 2000 não foi fácil para as questões ambientais. Oscilou entre velhos e novos problemas; teve mais momentos baixos do que altos e um final pouco promissor. Ao ponto a que chegámos, só podemos mesmo melhorar"... Será?

Quanto a este ponto permito-me discordar. Nesta e noutras matérias, é sempre possível ficarmos pior. A menos que aqueles que têm alguma consciência ecológica e respeito pela natureza, reajam activamente e consigam suscitar um movimento de opinião capaz de pressionar e abalar a indiferença dos Governos e dos poderosos do Mundo. Porque hoje a opinião pública conta, mesmo nos Estados que não são democracias. Pode ser - se conseguir libertar-se dos grandes interesses que frequentemente comandam a comunicação social - que a opinião pública mude o sentido em que vamos, inconscientemente, caminhando para o desastre.

A luta contra o aquecimento global; a defesa dos Oceanos, ameaçados; a água potável, como um direito comum da Humanidade, que se impõe que seja protegida; a luta contra a poluição, nas suas diferentes formas; a protecção das florestas; o ordenamento do território; a defesa da biodiversidade e do equilíbrio das zonas costeiras, tudo isso faz parte de uma cultura ecológica, que devia ser ensinada às crianças desde a escola primária. Mas não é. E os maus exemplos vêm, frequentemente, de cima...

Na Europa, pelo menos nos Estados mais evoluídos, os partidos verdes começam a ter alguma força - e, no entanto, perante o fracasso da reunião de Copenhaga, em função dos grandes interesses em jogo, tanto nos Estados Unidos como na China, os únicos que contaram, infelizmente, os Governos europeus e a Comunidade no seu conjunto, não tiveram a coragem sequer de levantar a voz e protestar. E podiam e deviam tê-lo feito.

### A crise global

Os economistas, mesmo os mais eminentes - com as raras excepções que conhecemos - dizem que a crise é sistémica e que os mercados, coitados, andam nervosos... Alertam contra o perigo do "nervosismo dos mercados". Esquecem-se que a crise global teve causas objectivas, que é preciso remover, se a quiserem ultrapassar, o que tarda em acontecer, por isso mesmo. Quais foram essas causas? A globalização desregulada, sem regras éticas e sem valores, que tornam os sacrossantos mercados, cada vez mais, especulativos. E têm uma ideologia subjacente que os condiciona: o neo-liberalismo, o culto do dinheiro pelo dinheiro, que gerou o capitalismo especulativo, dito de casino, que, desgraçadamente, nos tem dominado, neste nosso século XXI.

Para resolver a crise - como disse, Barack Obama, logo no início do seu mandato, é preciso, cito: "mudar de paradigma" ou seja: criar um novo modelo de desenvolvimento. Infelizmente, é mais

fácil de dizer do que fazer, dada a força contrária dos grandes interesses, como os Estados Unidos, têm demonstrado. Mas agora a economia americana parece estar, finalmente, a arrancar.

Quanto à Europa, a situação é bem pior: porque são os governantes mais poderosos, ligados aos interesses e, algumas vezes dependentes deles, que se recusam a ver a realidade. E, conseqüentemente, a crise não passa e vai fazendo estragos...

Espero que a crise, pela força das circunstâncias que se têm vindo a suceder, e dos ataques ao euro que os mercados especulativos têm lançado, sobretudo, contra certos Estados que julgam mais vulneráveis possa (mesmo sem querer) vir a destruir o euro como moeda única. Ora, daí à desintegração da própria Comunidade seria outro passo, e terrível, para todos os Estados europeus, mesmo para os mais ricos. Seria o começo da grande decadência da Europa, face aos Estados emergentes e a outros Continentes, como a Ásia, em forte expansão, em alguns países.

É óbvio que esta hipótese não pode deixar de abrir os olhos dos dirigentes europeus, mesmo os mais neo-liberais, conservadores e especulativos. Como escreveu num artigo transcrito no El País, na véspera do Natal, o prémio Nobel, Paul Krugman: "vivemos um estranho período de triunfo de ideias falhadas. Troça-se da regulamentação, receia-se a inflação, louva-se a austeridade. Um paradoxo para os historiadores". E insiste: "Como é que depois de uma série de bancos criminosos quase terem deitado abaixo a economia, acabámos com Ron Paul a dizer: penso que não precisamos de reguladores para nada". A ideologia neo-liberal é a grande responsável pela loucura dos anos que temos vivido desde 2008. E agora, com as conseqüências à vista, esperemos que a loucura não continue neste ano que estamos a entrar... Precisamos - e é bem necessário para a União Europeia - que tenhamos a coragem de voltar a página.

#### A Senhora Merkel voltou a falar

A Chanceler alemã tem, ultimamente, vindo a falar demais e, sobretudo, do que não deve. Numa entrevista ao Der Spiegel, há dois dias, permitiu-se dizer que Portugal devia recorrer ao Fundo Europeu e ao FMI para aliviar a pressão de que está a ser vítima pelos mercados especulativos. É inadmissível. Se o tivesse feito numa reunião do Conselho Europeu, em diálogo com o primeiro-ministro Sócrates, em jeito de conselho, vá que não vá. Mas numa entrevista a um jornal alemão, à revelia do Governo português e da Comissão Europeia, é inaceitável. Será que a Senhora Merkel se julga a dona da Europa? Há poucos anos ainda, vivia atrás da cortina de ferro e aí não consta que fosse dissidente ou desse entrevistas...

Sócrates, honra lhe seja, respondeu com sobriedade, inteligência e sem dar importância às palavras da Senhora Merkel. Não podia ter feito melhor.

#### Um capitão de Abril

Sabia-o doente e ainda há pouco tempo tinha falado com ele pelo telefone. Estava aparentemente a resistir bem. A notícia do seu falecimento surgiu de repente, no domingo passado, inesperada. Provocou-me uma profunda tristeza. Victor Alves foi um dos mais activos e importantes capitães de Abril. Dos primeiros que conheci, na Cova da Moura, no fim da manhã de 28 de Abril, em que regresssei a Lisboa. Foi, desde o início, membro da Comissão Coordenadora do MFA. Talvez dos que tinha mais sentido das responsabilidades que a Revolução lhes trouxera.

Foi também dos que mais acompanhei, naqueles meses que valeram anos, e dos primeiros de que me tornei amigo.

Fomos colegas em três Governos provisórios. Victor Alves como ministro-adjunto do primeiro-ministro, Vasco Gonçalves e depois, salvo erro, ministro da Educação. Aliás, era ele, muitas vezes, quem dirigia o Conselho de Ministros, que se prolongava pela tarde e pela noite dentro. Fazia-o com grande sensatez e espírito conciliador.

Era um patriota, um democrata e um idealista. Militar corajoso - esteve, desde a primeira hora, na conspiração que conduziu à Revolução dos Cravos - foi um militar, com grande vocação de diplomata.

Depois do caso República - e no período mais agudo do PREC - conspiriei activamente, em nome do PS, com o chamado o Grupo dos Nove, no restaurante Bordalo, onde me encontrava praticamente todas as semanas com Victor Alves, Vasco Lourenço, Melo Antunes, Victor Crespo, Costa Brás, e o saudoso Comandante Gomes Mota, entre outros. E mais tarde em casa de Jorge Campinos, contra o golpe que os comunistas e os esquerdistas preparavam, para impor o "poder popular". Foram vencidos

em 25 de Novembro de 1975, do qual resultou a normalização democrática da Revolução. Victor Alves, nesse tempo tão difícil e inseguro, voltou a desempenhar um papel particularmente importante.

No período seguinte, depois da eleição presidencial de Ramalho Eanes e dos Governos Constitucionais, Victor Alves foi dos mais próximos colaboradores do Presidente. Teve a missão de percorrer o Mundo, a contactar a emigração portuguesa e a reforçar os laços dos emigrantes com a Pátria. Fez um trabalho excelente, como organizador das cerimónias do dia de Camões e das Comunidades. Foi nesses anos, que as suas raras qualidades de diplomata mais se salientaram.

Passaram os anos. O capitão de Abril, tornou-se coronel. Devia ter sido, como alguns outros, general, dados os serviços prestados à Pátria e à República. Encontrei-o inúmeras vezes, sempre impecável, cordial, discreto, e muito atento à evolução do País. Nos últimos anos voltámos a encontrar-nos com maior frequência. Por exemplo: fez parte, em representação da CIVITAS, da Comissão Nacional para as Comemorações do 50º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem, de que fui Presidente. Era um sage, que os anos e a longa experiência das questões de Estado, conseguida a pulso, desinteressadamente, mais uma vez se revelou.

O seu falecimento representa uma grande perda. Deixa, para os que o conheceram bem, como eu, uma grande saudade. Permitam-me que me dirija a sua Esposa, companheira tão dedicada de tantos anos, tão discreta e inteligente, e a sua Filha, que lhe deu uma neta, que era a sua grande alegria, no ocaso da vida, e lhes apresente as minhas muito sentidas condolências.

Lisboa, 11 de Janeiro de 2011